



O rei Fernando da Romenia e seu filho, primogênito, Carlos, estudando os mappas do estado maior

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*r. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador  
acresce o importe das despesas

*Extrangeiro* — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

**AS EGREJAS**  
 fornecem-se da  
**casa Monteiro Borges**  
 (Ruas do Sol e Batalha-Porto)  
 por ser a mais completa no seu genero

O que ha de mais belo  
 em **IMAGENS**  
 de mais importante  
 em **PARAMENTOS**  
 e de mais fino em  
**ALFAIAS**



ESCULTURA  
 RELIGIOSA  
 EM  
 MADEIRA

**Titulo da Casa Monteiro  
 Borges  
 Ornamentos d'Egreja**

**Titulo da Casa Monteiro  
 Borges  
 Escultura Religiosa em  
 madeira**

**IMAGENS — PARAMENTOS — ALFAIAS**

**Monteiro Borges — PORTO**

Quem imita esta casa reconhece-lhe a superioridade

# A im- prensa

## Ornamentos d'Egreja

Visitamos hontem a antiga e acreditada casa do sr. Monteiro Borges, a mais bem sortida e completa em todo o gsnero de ornamentos de egreja em Portugal. N'esse estabelecimento podemos de facto exanimar uma admiravel exposiçao de paramentos e artigos religiosos que merece ser visitada. No amplo estabelecimento, situado a esquina das ruas do Sol e da Batalha, não só se encontra um importante sortido de ornamentos de egreja, do qual se distingue umas ricas sanefas para andor andor feitas de lhama de prata, com bordados a oiro, trabalho primoroso, bellamente executado e que faz honra á industria nacional, mas tambem uma collecçao variadissima de obras em bron e e metal, via-sacras, medalhas, terços, etc.

A casa do sr. Monteiro Borges de ha annos que vem assignalando a sua existencia, imprimindo um accentuado progresso á industria portugueza dos paramentos de egreja, salientando-se todos os seus trabalhos, incluindo o fabrico de corôas e flores artificieaes, pelo esmero e perfeiçao com que são confeccionadas.

Esta exposiçao é digna de ver-se porque offerece ao visitante ensejo de apreciar muitas e diversas obras e artigos religiosos notaveis e de grande valia.

De «O Commercio do Porto».





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

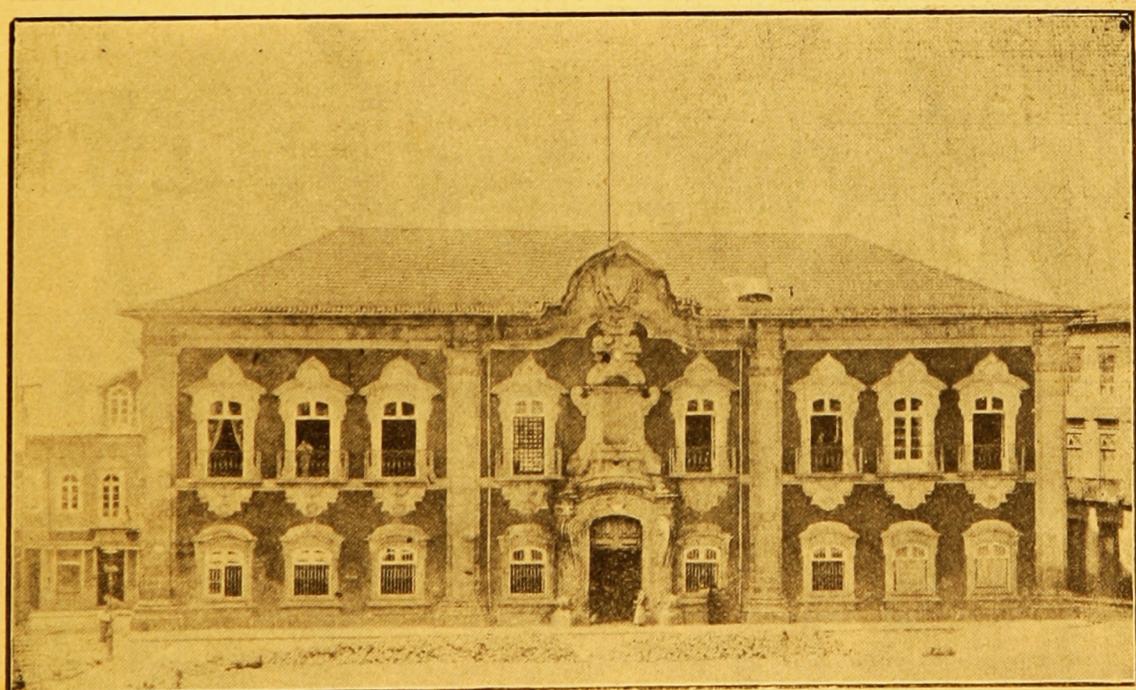
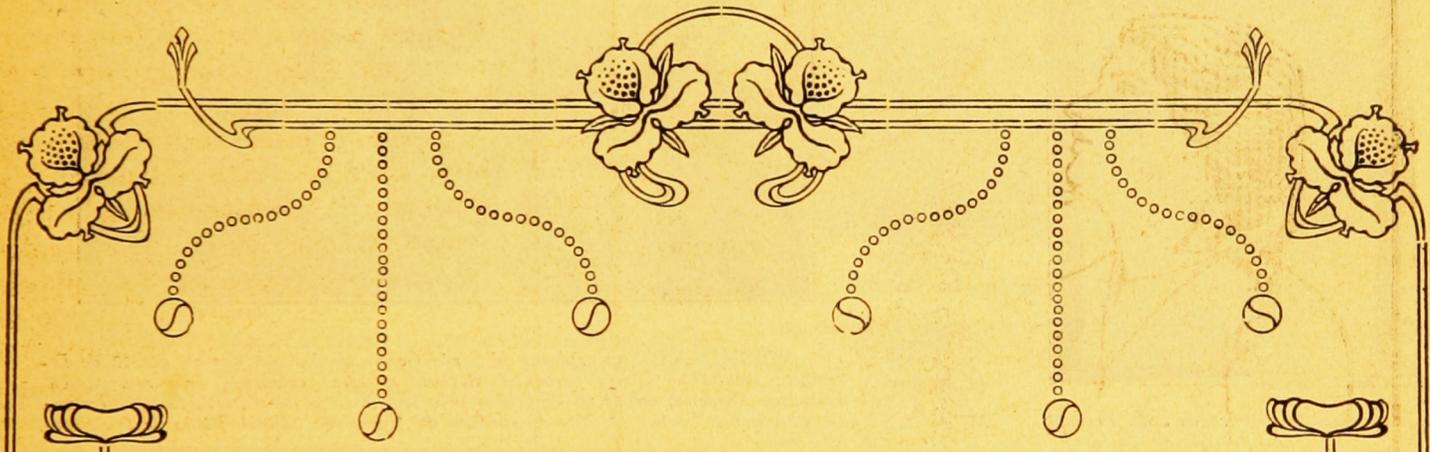
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 3 de Março de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 192—Anno IV



BRAGA--O edificio da camara municipal

(PHOT. M. NEVES)



BRAGA—Um aspecto da exposição do pintor João Peralta, no Theatro Circo



o pintor João Peralta



Jesus Christo queiro de João Peralta



PORTALEGRE—O orpheon de Santa Cecilia de Tolosa, que no dia 13 de Dezembro, cantou na igreja parochial, durante a missa celebrada pelo rev. paroch Francisco Sequeira, em acção de graças pelo anniversario natalicio do Excellentissimo Reverendissimo Senhor D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Bispo de Portalegre.



PORTALEGRE—Os orpheons de Tolosa e S. Lourenço

(PHOT. MARTINS)

Se é licito a cada familia presar os feitos de seus ascendentes, o mesmo se poderia dizer das memorias e monumentos dos concelhos, comarcas e outros elementos nacionaes, se a gente lhe der para os estimar: Ninguem d'isso se ha-de queixar com justa razão.

Nós cá, os da região occidental do Geraz, attemo-nos ás tradições do mosteiro de Bouro, cuja fundação vem do tempo dos *Affonsinhos*, se o não excede.

Não podendo entrar aqui em averigüações d'esse ponto, remette-mos os curiosos para uma das fontes de melhor nota: *Brandão*, M. L. x, e limitamo-nos a dar copia d'algumas pedras antigas que lá estão ainda, e algo dizem ao caso.

Sobre a portaprinicipal do Sanctuario de N. *Senhora da Abbadia*, lê-se :

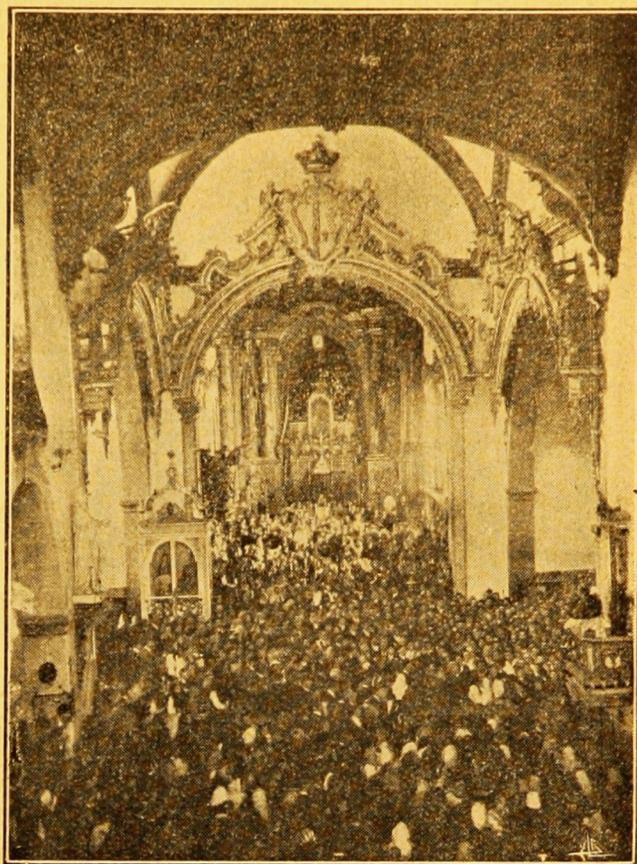
MAGNA ERIT GLORIA DOMVS ISTIVS NOVISSIMAE  
PLVS QVAM PRIMAE

AGGEVS PROPHEA. CAP. 2.

Attende este letreiro á pequenez da antiga Ermida, que foi núcleo do mosteiro cisterciense de Bouro, comparando-a com o templo actual, que saiu fabrica de amplas proporções, de tres naves com duas torres-campanarios á frente e tem a data de 1644. Está num vallesinho apertado entre abruptas ladeiras, na vertente do planalto de Santa Izabel ao Cávade, a distancia de 2 kilometros do mosteiro. *Mosteiro* lhe chama ainda o povo (a N. *Senhora da Abbadia*) a mais antiga devoção dos povos d'estas redondezas.

Em Bouro, ao longo da fachada do mosteiro que dá para o ferreiro, vêem-se umas estatuas de alguns reis de Portugal, collocadas allí pela devoção dos monges, segundo os dizeres que as acompanham.

Gravadas a bastante altura e com as anomalias da epocha, da letras colladas, mixtas, incluidas, N N invertidos e ainda em cima com o *beneficio* da brocha a tinta negra, torna-se algo



Interior da igreja de Santa Maria de Bouro, na occasião em que o senhor Arcebispo Primaz pregava

dificil a sua interpretação cé de baixo. Tal qual as pude colher, annos ha, aquí as dou em estylo corrente, se não correcto.

Sobre o portão ha um grupo da Sagrada Familia com esta letra :

MATER CIS  
TERCIENTIVM  
ORA PRO NOBIS

*Mãe dos religiosos de Cister, rogae por nós.* Foi a devoção tradicional dos filhos de S. Bernardo a Maria Santissima, que tal inspirou; e até a graphia correcta respeita as muitas letras do illustre abbade de Claraval, sol do seu seculo.

A esta segue-se a estatua de um cavalleiro, de joelhos, cabellos e barbas intonsas, arnêz e coxotes, com o letreiro :

ALFONSVS CO  
MES PORTUGA  
LIAE EXCELSVS

*Afonso, conde excelso de Portugal.*  
Por cima da figura, á guisa de pendão de guerra

AOS INFIEIS S N... Deus

que seria o seu grifo de arremettida contra os mouros. Isto para corresponder á tradição de ter vindo em romagem a Santa Maria de Bouro (N. *Senhora da Abbadia*) D. Afonso Henriques, ainda então simples conde de Portugal.

Em seguida a esta, outra estatua, de pé, na direita uma



Egreja de Santa Maria de Bouro, onde foi ministrado o *Chrisma* aos fieis, pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manuel Vieira de Mattos, Arcebispo de Braga



O povo acompanhando o Snr. Arcebispo Primaz á egrejá

espada metálica enfiando uma corda do mesmo metal, na esquerda a miniatura de um edificio representando o mosteiro; e por baixo a inscrição:

ALFONSVS PRIMVS  
HVIVS DOMVS RE  
GNIQVE FVNDATOR

Afonso Primeiro, fundador desta casa e do Reino.

Outra estatua de pé: armadura e manto. Aperta nas mãos sobre o ventre um rôlo:

SEBASTIVS PRIMVS. P.  
REX. A COMMENDA  
TARIIS LIBERATOR

Sebastião Primeiro Rei de Portugal que nos libertou dos commendadores. . .

A razão do seu allivio lá a saberiam os bons monges de Bouro.

Mais adeante outra estatua (se faes nomes merecem estas esculpturas) de saio e tunica, sceptro de tres nodos na direita, na cabeça uma corôa, apertando na esquerda um livro.

O letreiro diz . . . ou parece dizer:

DIVI PETRI CORONA  
HENRICVS PRIMVS A GA  
LLIS LIBERATOR

Coroa de D. Pedro. Henrique Primeiro, libertador dos gallos.

Que o monumento alluda ao Cardeal-Rei parece não haverá duvida; agora quanto aos gallos, occorre-me que talvez por intervenção do Cardeal-Rei perante a Santa Sé as ordens cistercienses em Portugal conseguissem transferir a sua obediencia monastica de alguma das velhas abbasias francezas, de Citeaux ou Clairvaux para a nossa de Alco-baça tanto mais que tinha vindo uma leva de monges bran-

cos para a fundação de S. João de Tarouca. A fórma libe-rador a Gallis é que saiu um pouco rude, valha a verdade.

Tudo isto porém não passa de mera hypothese, á falta de dados aqui á mão para a converter em these.

Por ultimo, estatua de pé, cabello longo e bigode, saio té o joelho, calção e meia, toga roçagante, braços collados ao ventre:

IN XVI GENERATIONE. A  
TENVATAM RESPUBLICAM  
IOANES IV RESTITVIT.

A nação enfraquecida na decima sexta geração (D. Sebastião) restaurou-a D. João IV.

Patriotas eram os frades de Bouro, alli saíram arma-dos com os homens de sua conta para defenderem da in-cursão hespanhola o passe da Portella do Homem na serra Gerez. Que muito então ornassem o seu mosteiro com a estatua do Restaurador?

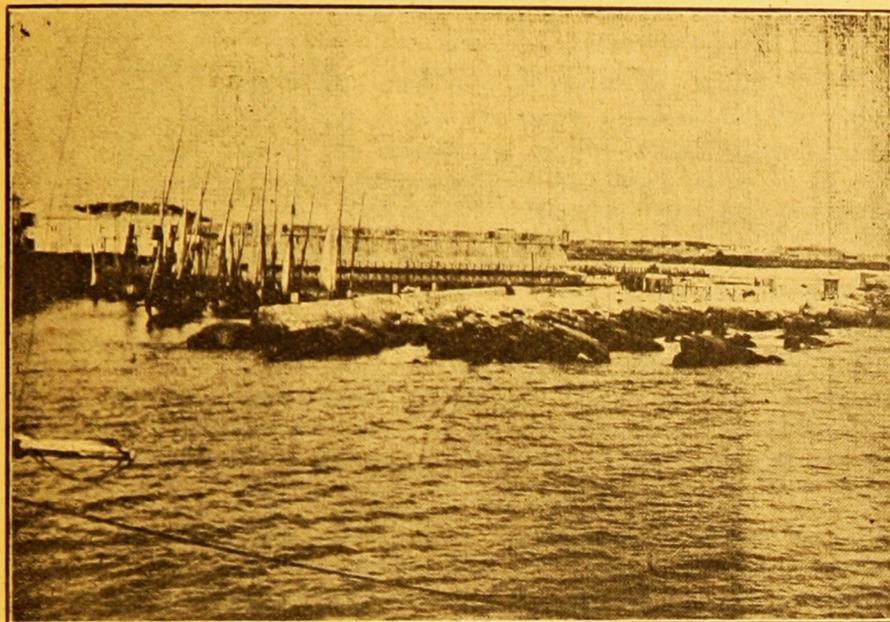
Por fim, na base de um padrão, armado em cruzeiro no cemiterio de Goães, Amares:

AQVI SE CO  
MEÇA O COVTO  
DÔ MOSTEIRO  
DE SANTA MARIA  
DE BOVRO HO  
QVAL DOTOV  
DOM AFONSO AN  
RIQVES I REI  
DE PORTV GAL

Este monumento que é composto de uma elegante co-lumna de granito, assenta em base quadrada e rematada por uma cruz de pedra, fôra para aqui trasladado pelos pa-rochianos de Goães. E está muito bem, como reliquia his-torica em museu.

Bouro merecia ser melhor conhecido e estudado pcos eruditos.

M. C.



PENICHE—A doca

## PENICHE

A photographia representa uma parte da doca d'esta interessante povoação marítima, a mais abundante em pescaria, para a qual tem invejáveis condições. A sardinha é alli constante, dando margem a larga exportação; fresca, salgada e de conserva. Abundam, porém, muitas e finas especies de pescado, merecendo a sarda especial menção pela sua excellente qualidade, bem como o peixe-agulha. A doca foi mandada ampliar e melhorar, para abrigo dos barcos de pesca por D. Pedro V, quando visitou o local, onde n'estes ultimos annos se tem feito varios melhoramentos, uns nas installações particulares, outros por iniciativa do Instituto de Soccorros a Naufragos.

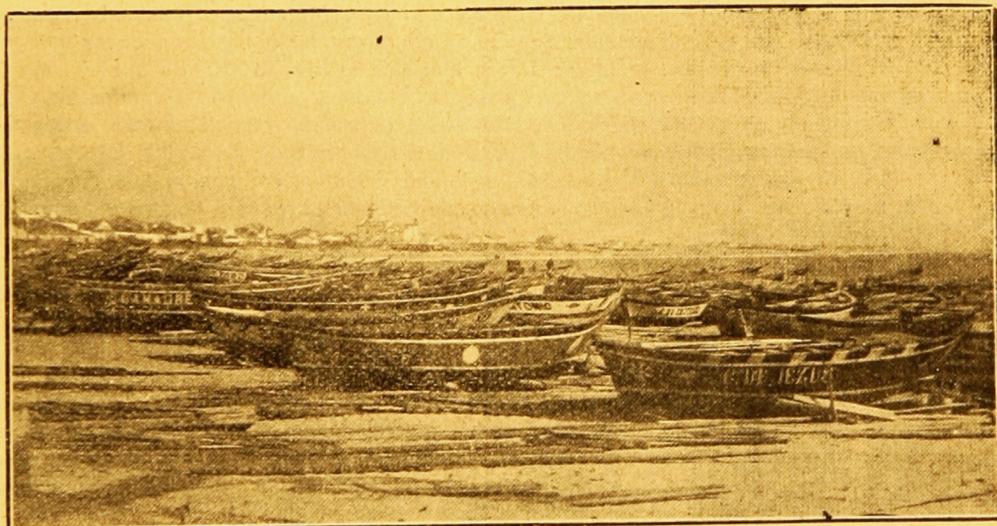
## Povoa de Varzim

D. Diniz deu a esta villa foral, assim como D. Manuel I.

O principal commercio, é a pesca, e alguém avaliou entre 400 a 500 contos o producto annual da venda de peixe.

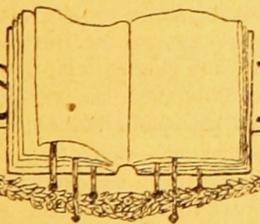
E' muito frequentada por banhistas, principalmente minhotos e transmontanos.

Além da pesca, ha ainda a industria da fabricaçãõ de biscoitos, velas de cêbo, gaz etc.



POVOA DE VARZIM—A praia do peixe

## LIVROS NOVOS



### Memorias para a historia de um Scisma.

Recebemos, amavel deferencia dos snrs. Cruz & C.<sup>a</sup> editores d'esta cidade, o volumoso livro, ultima publicação de Mons. Ferreira, com cujo titulo acima epigraphamos esta nota. E' obra bellamente apresentada na parte te-

chnica, e que demonstra qualidades de investigação e estudo, muito apreciaveis, em seu auctor. Não é este o logar a proposito de minuciosamente apreciar o livro que vem, evidentemente, preencher uma lacuna, por trazer documentos interessantissimos para a Historia Nacional nas suas relações com a Igreja. Antes de propriamente tratar o periodo revolucionario da monarchia liberal, o Auctor faz um resumo apreciavel da Historia Ecclesiastica em Portugal, na qual ha muito ainda que estudar. E' uma boa obra que vem facilitar muitos estudos.



# CHRONICA DA SEMANA

E as horas passam . . .

Partiu já o primeiro contingente expedicionario para França e porventura á hora a que lerem esta chronica, a caminho da guerra irá o segundo. Não ha, felizmente, no paiz um gesto de publica revolta ou simples desagrado contra isto, muito embora elle se esboce e até francamente se patenteie a proposito da crise economica que a inépcia governativa nos faz soffrer a todos com a falta de transportes. Creio que se o bem-estar material da população portugueza existisse, mesmo sob a dura condição da guerra, nem sequer seria licito suspeitar da possibilidade maior ou menor d'um gesto d'aquella ordem e constatar, com aprazimento patriótico — como agora estou fazendo — que elle não se produziu.

Todas as manhãs leio na *Capital* as interessantes Cartas que o sr. Avelino Mendes está escrevendo dos acampamentos da legião portugueza. Guardei orgulhoso aquella em que se descrevia a excellente impressão causada pelas perfeitas qualidades militares dos nossos sargentos e officiaes, os primeiros comprehendendo logo todos os mais complicados machinismos da guerra, a ponto de egualarem e até suplantarem os magnificos sargentos britannicos, os segundos, adaptando-se, como se já corressem os riscos das cruentas batalhas do Somme, de Verdun e do Iser, a toda a engrenagem dos exercitos, a todos os volteios e jogos de manobra e salientando-se os de artilharia tão notavelmente que substituíram muitos dos seus collegas inglezes. Não é pois de admirar que a Inglaterra haja pedido mais officiaes d'esta arma e que tal pedido arranque mesmo as baterias do Campo entrincheirado da Capital. Um são orgulho me invade ao lêr tudo isto. Reavigoram-se-me todas as internas e profundas forças de esperança e de fé nos destinos da patria! E esta onda de sentimento lusitano quasi que transmonta a dôr de vêr na mão de alguém em quem corre o meu sangue a ordem de marchar, para o manejo das monstruosas machinas bellicas que arrazam cidades em trez dias com diluvios de fogo, a muitos kilometros de distancia, e socavam a terra em poderosos, titanicos arrancos, mudando-a de chã planura fértil em mar procelloso que repentinamente, quando as concovas das ondas bramidoras mais se alteram, se gelasse . . .

E fico-me a pensar: — talvez, talvez que esta expressão attonita que eu vejo na face de quasi todos, se apagasse á noticia de que n'uma das proximas batalhas os bravos batalhões da expedição portugueza se haviam destacado da massa geral, immensa dos assaltantes, reproduzindo o golpe d'aquell'outros que deram a victoria ao Grande Corso, na manhã triumphal e virescente de Austerlitz, talvez! . . .

Os nossos soldados! Vejo-os, ahi aos dois, aos tres, em grupos pela cidade, uns mais sérios, mais pallidos, outros mais desannuviados e gárrulos, despedindo abraços a amigos e conhecidos.

—Quando partes?

—Logo no comboyo das seis . . . Depois d'ámanhã já vou no mar!

Por vezes, apparece com ar vagabundo e perdido, um grupo que commove: um soldado, aos lados e atraz d'elle a mãe, a esposa, os filhos. Não esconde aquella a sua perturbação e os que o seguem o seu temor e aturdimento, e se quando parados algum popular interroga o soldado, ficam-se os parentes a ouvil-o de olhos abertos, muito fixos, como admirados das palavras serenas do que vae partir e ao mesmo tempo receosos de que ellas sejam apenas a apparencia do que lhe diz o coração, n'um presentimento vago . . .

Hontem pela manhã, ao sahir para fóra da cidade, vinha um rapaz novo, espadaúdo no seu uniforme azul claro, acompanhado de uma velhinha, mulher do campo, de morena e verrugada face, o chale prêto por sobre a cabeça, como nos dias asiegos do luto nas aldeias, com uma tijellasita na mão tapada por um papel branco. Era quase em frente da igreja do Bomfim, que a névoa inda abaçava, bem que o sol já reponhasse do do cerrado horizonte da serra, por sobre o casario alácrc das collinas. Elles sentaram-se ao bordo da escadaria do templo. A velhinha destapou a tijella e disse:

—Anda, toma que está quente.

Depois, atirou os olhos pelo espaço e encheram-se de lagrimas que escondeu n'uma ponta do chale, murmurando: ai meu netinho!

E o soldado, pousando a tijella:—ó minha avó, deixe lá que não ha-de ser nada!

O electrico chegava. Os sinos tocaram vibrantes na manhã. E da plataforma ainda os via, os dois, subindo a escadaria da igreja, envolta n'uma bruma densa como as visões dos sacrificios que se aproximam.

E' assim a guerra, em Portugal: a serenidade resignada, o heroico silencio, dos que partem, as rézas que vão por ahi, por essas igrejas tão lindas de Portugal, a seguir-lhes os passos nos convez ou no porão dos transportes cheios de fumo, na terra longínqua da catholica Bretanha aonde chega em rumor continuo e surdo, o som dos canhoneios.

E lá ainda,—graças a Deus que faz encher as listas da subscripção nacional para assistencia religiosa em campanha! —lá ainda será o Padre quem dará ao soldado a melhor representação espirital da saudade e do amor dos que ficaram a rezar por elles!

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

## A' beira da porta

**E**<sup>m</sup> volta da viagem a Madrid, do embaixador americano *Gerard*, tem-se entretido certa imprensa em extravagantes commentarios e pitorescas supposições. Não faltou até quem, na melhor das ingenuidades, procurasse convencer-se, que o discreto *Gerard* na sua volta d'Hespanha levaria a promessa formal do gabinete de Madrid, d'um proximo enfileiramento bellico, na causa dos alliados. Evidentemente a Hespanha decidia-se afinal a abandonar a sua politica neutralista e a intervir com o seu quinhão d'amarguras e de triumphos, na feira sangrenta. É tanto se suggestionou a opinião, que na tarde em que o embaixador americano se avistou com Gimeno, nas immediações do ministerio d'Estado, acotovelou-se impaciente uma multidão anciosa, esperando o final d'essa conferencia como o estrugir metallico d'um clarim tocando a reunir. Mas a conferencia terminou e o frio diplomata yankee passou grave por entre a multidão recusando entrevistas e desattendendo perguntas, e logo a seguir o ministro dos Estrangeiros hespanhol referia á imprensa, que a conversa fora cordealissima e que o representante americano louvára com enthusiasmo a obra de Affonso XIII no seu generoso e intelligente patronato aos prisioneiros da guerra. Quanto á attitude do governo pôde ver-se nas entrelinhas discretas que a politica patriotica de neutralidade se manterá com prudencia mas com energia.

Foi uma desillusão! os alviçareiros voltaram cahidos mas por toda a parte uma grande alegria invadiu rapida, porque o pais não quer sair da situação em que se encontra, e se esperava com anciedade o final d'essa conferencia não queria dizer implicitamente que sympathisasse com a attitude intervencionista, que como a imprensa lhe fiserá acreditar, iria adoptar-se.

A anciedade era tambem o receio das horas d'amargura e d'incertesa, das consequencias graves de toda a ordem, que a intervenção da Hespanha no conflicto, acarretaria para o pais.

Porque não é demasiado repetir-se, a politica neutralista é a politica nacional. N'esta hora gravissima para todas as nações mesmo para aquellas que mais distanceadas estejam do tragico e sangrento rodopio, a Hespanha prospera, triumpho, na expansão das suas industrias que já estão n'uma brilhante situação de competencia, na dilatação do seu commercio com a America latina, no desenvolvimento do seu trafico maritimo, na cotação dos seus valores, que pelo elevado grau que tem attingido claramente evidenciam o estado prospero do pais. Tem tudo quanto precisa, tem oiro, que habilidosamente, manhosamente, tem sabido drenar e as suas colheitas foram abundantes, garantindo largamente as necessidades da nação. A sua zona d'influencia em Marrocos prospéra n'uma quadra de paz e de intensa cultura, e o seu commercio vae-se infiltrando lenta e seguramente, porque tendo a guerra impedido o trafico da Allemanha e da França não encontra competidor, e quando amanhã, liquidado o tragico conflicto, com a sua industria que produz já em excepcionalissimas condições de preço, a Hespanha terá monopolizado com segurança, uma grande parte, se não a totalidade do commercio marroquino. Poderá então voltar-se para as grandes *stepes* castelhanas, nas grandes obras d'irrigação projectadas, que mitiguem a sede d'esse immenso torrão, que irá converter-se n'um fecundo elemento de riqueza e de prosperidade e então transformar-se-ha num potentado agricola, podendo bem ser a horta d'Europa, já que nós, visinhos descuidados e passivos, nem mesmo queremos ser a horta da Inglaterra.

E tudo isto se perderia se a Hespanha desvairando com as cantatas protocollares se lançasse no conflicto. O seu futuro esplendente e prospero ruiria fatalmente e victoriosa ou vencida, viveria dias amargos de miseria e de desalento.

Não, o governo de Madrid, não arrastará a nação para o abismo. Guia-a patrioticamente para a victoria, porque o papel que tem desempenhado e que fatalmente desempenhará nas horas da paz, será sobejamente, generosamente, compensado.

E' por isso que eu me obstino em affirmar que sem um incidente de maior, que arraste o brio nacional, o que seria uma grande catástrophe, a Hespanha não arredará da politica de neutralidade que tão patrioticamente soube adoptar, o paiz inteiro quer trabalhar e progredir. Vê claramente o caminho do triumpho e não ha ninguem capaz de transvia-lo, sem risco grave d'uma convulsão intensissima bem mais perigosa que a mais sangrenta batalha,

Se não, veremos.

# PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

## IX.—Esculptura (technica)

**P**ara terminar as noções de technica escultural que temos exposto nas duas precedentes palestras, falta dizer alguma coisa sobre os altos e baixos relevos.

O relêvo das figuras, diz Collignon (*Hist. de la Sculpt. Grecque* I. 188), pintadas nas paredes dos templos antigos nasceu da necessidade de as tornar mais resistentes á acção dos agentes atmosphericos. Quando essas pinturas foram relegadas aos pontos mais altos da parede e limitadas as frizas e metopas, outro motivo, o de as tornar visiveis de longe, veio desenvolver a arte do relêvo. Encontrada assim a belleza propria d'esta especie, a cultura do relêvo generalizou-se.

Dois processos ou methodos ha para os executar.

O primeiro, o mais antigo, toma como ponto de partida a figura desenhada na superficie plana do marmore. O artista com o escalpello ou outro instrumento, vae aprofundando o marmore em volta da figura, a qua portanto se vae *relevando* tanto quanto o artista deseja. Ao principio, diz Grossi Gondi (*Sulle soglie dell'arte* IV, 195) empregou-se um relêvo muito baixo, de modo que apenas resaltasse o contorno simples da figura; a isto chama Collignon «pintura feita com o cinzel». As estellas funebres gregas apresentam bons exemplos, como tambem os hieroglyphicos egypcios. Depois foi-se augmentando até á meia figura e mesmo até á figura quasi infeira, deixando-a apenas unida ao fundo por alguns contactos. Temos assim o *baixo*, o *meio*, e o *alto* relêvo até á estafua. N'este modo os vultos que sobresaem nas figuras, ainda nas posições mais altas, acham-se no mesmo plano, enquanto o fundo é desegualmente excavado.

O segundo methodo é tomar como ponto de partida o proprio relêvo da figura que é esculpida, tendo em vista as suas exigencias de forma e necessidade de sobresaahir, d'onde resulta que as posições extremas não se encontram no mesmo plano.

Ao primeiro modo de *relevar* chamam os auctores *estatuaria desenhativa* indicando assim, pela sua origem, a contraposição com a *estatuaria frontal*, e *estatuaria livre*.

Quando se trata de relevar uma só figura, ou figuras que estejam n'um só plano, este genero não apresenta difficuldade especial. Estas apparecem quando se querem representar scenas com fundo extenso em que ha figuras e objectos collocados em planos diversos, pois é difficil traduzir no marmore as regras da perspectiva. D'aqui nasce, por exemplo, o que tantas vezes se observa nos baixos relevos, que os pés das figuras do segundo plano tocam os joelhos dos do primeiro. Os egypcios, e os antigos gregos e romanos não conseguiram exprimir bem a figura humana de perfil. A cabeça e as pernas encontram-se bem expressas n'esta posição, mas o torso, o peito está quasi sempre de frente.

Grande foi o emprego dos relevos na arte chrisfã. Na antiguidade este genero se acha limitado quasi exclusivamente aos sarcophagos. As portas de Santa Sabina que já nomeamos são em meio relêvo. Mais tarde os frontaes dos altares, os cancellos e transennas, os pulpitos, as portas e os tumulos foram-se enriquecendo com este genero de esculptura.

Confina com a technica dos relevos a dos camapheus e pedras preciosas, usadas como adorno nos aneis, broches etc. De duas maneiras apparecem trabalhados estes objectos, ou se cava a figura na pedra, como se soe fazer com as matrizes das moedas e medalhas, ou então faz-se sobresaahir a figura em maior ou menor relêvo. O primeiro modo era usado nos aneis que se empregavam como sellos, escolhiam-se para isto pedras d'uma só côr. Para o segundo preferiam-se as pedras polycromas como a ageta, onix, etc. são os camapheus. Antes de lavar a pedra o artista fazia um modelo em cêra com as figuras que fencionava representar. Tão delicados são estes trabalhos que o celebre camapheu que representa a apotheose de Napoleão custou 13 annos de trabalho a M. A. David.

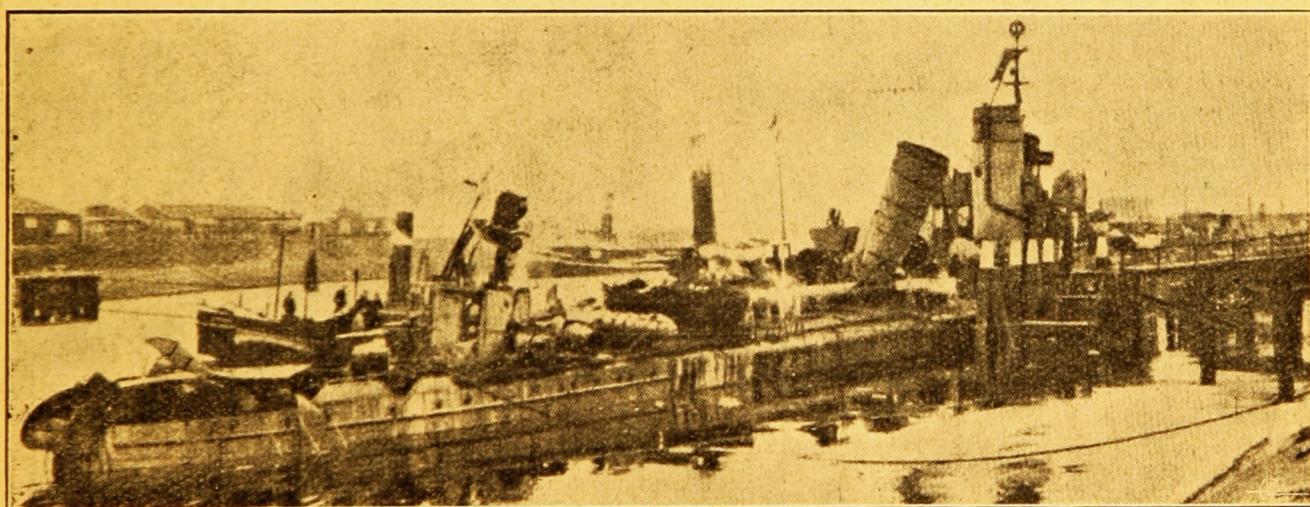
Na arte chrisfã as figuras representadas são symbolos do culto como o peixe, a pomba, ancora etc. ou bustos de Santos, ou breves aclamações como por exemplo: *Vivas in Deo*; *accipe dulcis*, ou simplesmente o nome.



*Baixo relevo de Atila e S. Leão Magno*  
Vaticano-Roma



*Um grupo de enfermeiras da cruz roxa inglesa, diante das suas ambulancias de campanha*

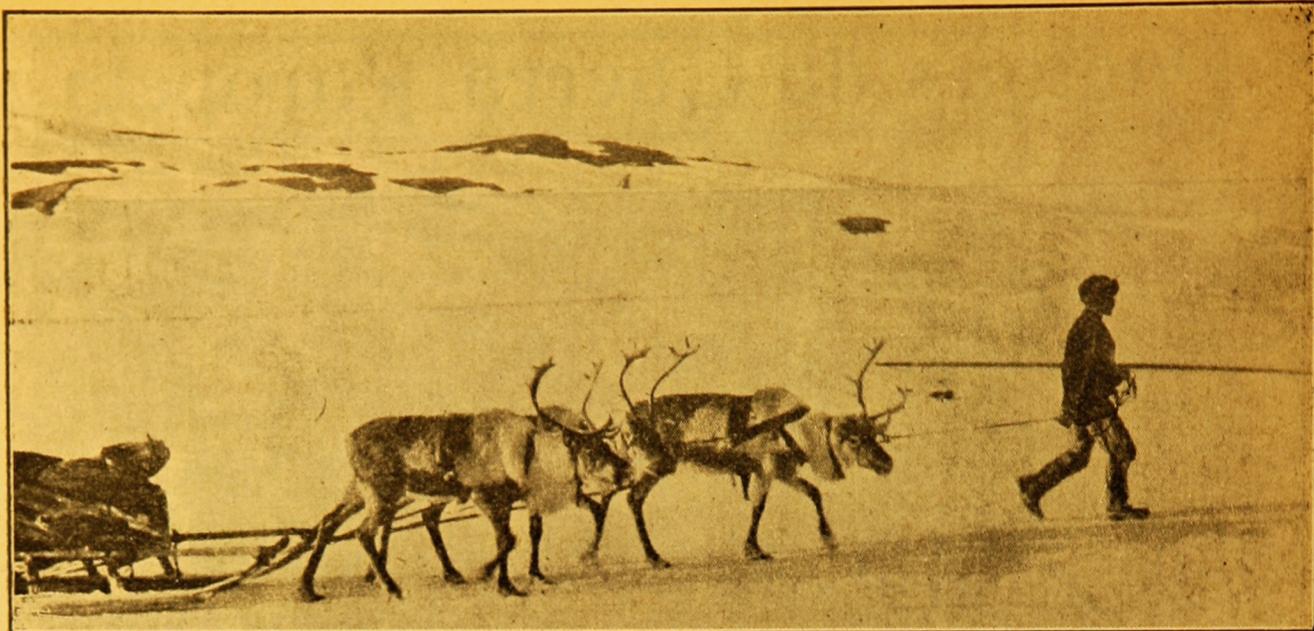


*O torpedeiro allemão «V-59» no porto holandez de Imuiden, onde se refugiou depois do ultimo combate naval*



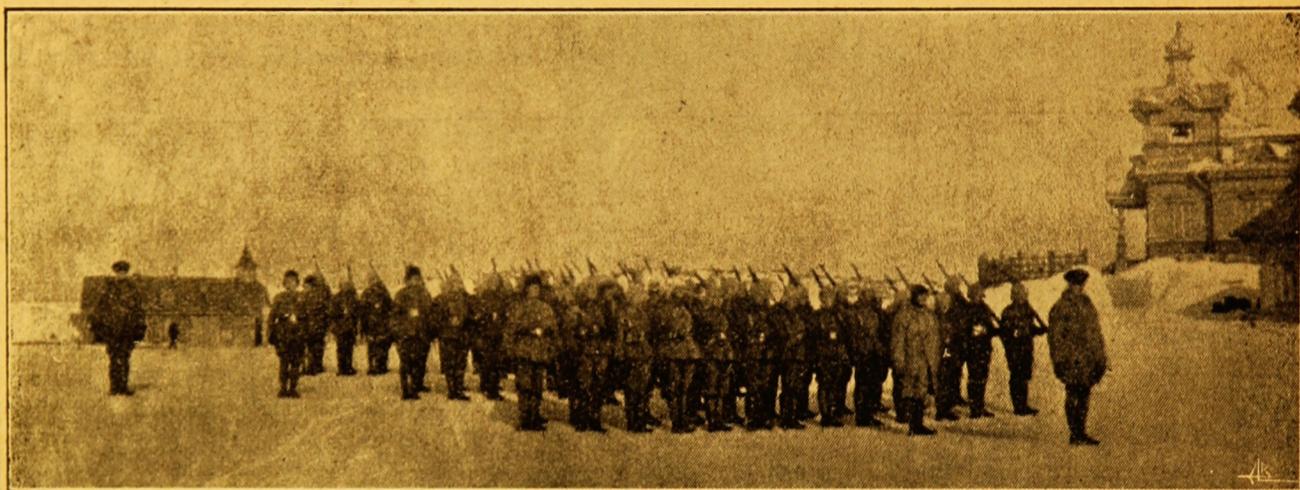
## O carnaval nas linhas

*Um grupo de soldados francezes, com as mascaras protectoras contra os gazes asphixiantes, no dia de carnaval*



## Atravez dos gelos na Russia

*Um interessante meio de transporte entre as linhas russas e os armazens de mantimentos*



*Um contingente de tropas inglesas, atravessando uma villa na Russia*



*Um grupo de officiaes italianos nas linhas de combate*



## Em Christo

II

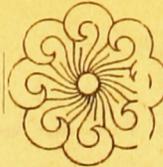
A calma? Só na Dor que nos eleva,  
Despindo-nos de vícios e paixões:  
Na Dor que lava sempre os corações,  
Por mais que os manche o erro e os cubra a treva.

Que enorme é essa Dor! Nem quando neva,  
Ha tanto gelo, tantas contracções!  
Bem lhe senti as garras e os fusões  
No remorso ancestral dos filhos d'Eva!

Mas em cada farrapo do homem velho,  
Que aos pés da Cruz se rasga, brilha um facho,  
Dando caminho, alento, sol, conselho...

Porisso alguém feliz em mim eu acho  
A murmurar n'um extase o Evangelho.  
Porque a Fé, quando nasce, reza baixo...

*José Agostinho.*



## A minha Varanda

Que varanda bem bonita !...  
E' o rincão de um jardim...  
Aqui, floresce o jasmim:  
Não falta nada, acredita.

A baunilha e a margarita  
Ei-las juntas do alecrim,  
Rozas e cravos... Emfim,  
E' uma estancia bemdicta.

A lotada e a laranjeira,  
Desde manhã á noutinha,  
Dão-lhe uma sombra fagueira.

Poucas varandas serão  
Tão lindas como esta minha...  
E tão frescas no verão.

*Francisco Sequeira.*



## A João Penha

(Da Academia de Sciencias de Lisboa)

Do Parnaso, onde habitas, vem ouvir  
Um cantico na cithara vibrado,  
Bem modesto nos sons, mas inspirado  
Nas impressões leaes do meu sentir.

Vem, sonhador! Para que possas vir  
O chão vae ser por minhas mãos juncado,  
Como tapete em dias de noivado,  
D'esmeraldas e perolas d'Ophir.

Festões de mirtos, de jasmims, de rosas,  
Engrinaldam os porticos da Gloria,  
Do Tasso e Dante as almas generosas,

Vendo-te já no Himetto, vendo "alguem.."  
Apontam para o templo da Memoria,  
E dizem: "Poeta, é franca a entrada: vem!.."

10-II-17.

*Zulmira de Mello.*



## OUTOMNO

(A José da Cruz Moura)

Do poente fugiu a rubra cor  
Das arvores esguias e despidas  
Vão-se uma a uma as folhas resequidas  
E o vento geme triste, assustador!

Nos jardins a mimosa e linda flor  
Mostra no chão as pétalas cahidas,  
Outras pobres, sem viço, sem frescor  
Ao céu mostram as folhas amar'lidas!

Deixaram de cantar as avezinhas,  
Fugiram dos beiraeas as andorinhas  
P'ra além do mar, buscando outros poentes.

E a natureza é tão triste e sombria,  
Envolve-a um não sei que de nostalgia  
Que torna as almas tristes e dolentes!

Manteigas,  
916.

*Paulo Lopes da Silva.*

# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos



### Regedor das Justiças

João da Silva foi em tempo de D. João III o regedor das justiças, um honrado ministro e um valente cavalleiro d'Africa. Era um character integro e obrigava todos ao cumprimento dos seus deveres.

Queixou-se-lhe certo homem que um desembargador lhe demorava um feito ha dois mezes. Entrando o desembargador na Relação, lhe perguntou o regedor se trazia o feito do fulano.

—Ficou em casa.

—Ora mandae-o buscar e que tragam mil réis para a parte satisfazer os gastos que tem feito por causa das vossas dilações.

Alguem offereceu dez mil cruzados pela absolvição d'um crime grave e como D. João III estivesse inclinado a acceita-los, João da Silva accudiu:

—Se vossa alteza quer vender a justiça por dinheiro pode faze-lo como principe soberano que é, mas não sendo João da Silva regedor; e assim lhe peço licença para des-de logo arrimar o bordão.

El-rei o ouviu com assombro e respondeu:

—João da Silva, fazei o que entenderes que mais convem ao meu serviço e á boa administração do vosso cargo.

### D. Leoniz Pereira

Este insigne governador de Malaca era filho do terceiro conde da Feira e foi um cavalleiro nobilissimo que militou largos annos na India. Um dia, em Gôa, ao entrar n'uma igreja magoou um soldado que se voltou para elle dando-lhe uma bofetada. D. Leoniz Pereira agarrou o soldado pelo cachaço e ia apunhala-lo quando este lhe grita, apontando para um altar onde um padre levantava a hostia:

—Perdoe-me por amor d'aquelle Senhor!

O cavalleiro reprimiu a ira, embainhou o punhal e repelliu o soldado:

—Esse Senhor te valha.

E passou adeante.

### Esperteza feliz

Viajando D. Pedro I de Lisboa para Alcobça encontrou no caminho um rapaz com um sacco ás costas e de physionomia insinuante que muito agradou ao rei.

D. Pedro perguntou-lhe:

—D'onde vens, para onde vaes, como te chamas e com quem estás?

O rapaz respondeu immediatamente:

—Sou de Lisboa, vou para Santarem, chamo-me Manuel, não estou com ninguem.

O rei gostou do rapaz, mandou-o educar, e o Manuel foi um dia um bom juiz.

### Acabam-se os lobos

Fallando-se um dia deante de D. João III de certas terras alemtejanas infestadas de alcateias de lobos, lembrou o rei:

—Seria bom que as povoações organisassem montarias.

Um fidalgo contestou:

—Outro melhor remedio darei eu, senhor. Mande vossa alteza forrar as roupas com pelles de lobo porque entrará isto em moda, e em pouco tempo terão acabado os lobos todos.

### D. João Coutinho

D. João Coutinho, conde de Redondo, foi cavalleiro de extremado valor e de galhardo entendimento, e exerceu largos annos o cargo de capitão de Arzilla.

Tão longe e tão alto chegava a fama das suas acções que, achando-se Carlos V sobre Tunes disse ao infante D. Luiz:

—Quem apanhara agora aqui o conde Redondo com os seus duzentos africanos!

Com esse numero de soldados tinha D. João Coutinho vencido em muitos combates.

\*  
\*

O que a historia nos póde dar de melhor é o enthusiasmo que ella faz nascer nos nossos corações.

Goethe.

Os meninos e os loucos imaginam que vinte francos e vinte annos não podem mais acabar.

Franklin.

# Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o ueral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o ueral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

## MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

## MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

**BRAGA**—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

**NO PORTO**—Joaquim da Silva e Melo & C.<sup>a</sup>—rua do Corpoda Guarda, 19 a 21.

## Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

## Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A' venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

**BRAGA**

PREÇOS Brochado, 250  
Cartonado, 320

## TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

# Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**